

Arquivo de Alberto Amaral

(Notas colhidas na Biblioteca Nacional, em 14/7/42)

*Na GAZETA DA TARDE da cidade do Rio-de-Janeiro, n.º 51,
3.ª-feira, 6/3/883, na 1.ª página e 2.ª coluna :*

— A TERRA DA LUZ —

Em vão os corvos do governo pretendem projectar o negror da sua sombra nos horizontes aureos da propaganda libertadora.

Podem, é certo, explorando a inveja de uns, a sede de vingança de outros, escolher uma victima para o sacrificio, turvar momentaneamente as aguas, e ter o triumpho ephemero das ultimas phases de uma causa condemnada.

Mas o que não podem é fazer com que os ululos ominosos das aves das trevas encham de pavor o animo d'aquelles que escreveram como divisa na sua bandeira: igualdade ou morte.

Foi sempre esta a linguagem dos que não temem a dobrez dos trahidores, nem as ameaças dos vencidos.

E, se amargurados, pelas muitas provações, se atribulados pelas muitas decepções sentissemos um leve desanimo, bastava-nos olhar para as bandas do Norte, para a Terra da Luz, para o Ceará, finalmente, e a nossa coragem nos voltaria como por encanto, á semelhança da vida a Antheu ao contacto do solo miraculoso do Mytho.

O telegramma que honra hoje as nossas columnas é uma prova do que dizemos.

Combatido pelo governo perfido do sr. Parangará, o punhado de bravos, que compõem a Libertadora, não desanima.

A calumnia nunca se cevou mais á farta do que nessa corporação destemida; nunca a inveja se extorceu com mais despeito do que ao vel-a trancar os verdes mares bravios e acabar com o commercio a retalho do espirito e do coração humano.

Entretanto, a Libertadora proseguiu serena, atravez de

processos, de demissões accintosas de seus membros, de calumnias contra as famílias, de conspirações contra o credito commercial, de tudo quanto a infamia pode cogitar para martyrisar os que não se vendem, os que não têm na espinha uma tarracha para se parafusar na alporca do servilismo.

Hoje cada pégada sua é um pedaço de territorio livre.

Bradando o — fiat no alto das montanhas do Acarape, em baixo surgiu a Villa da Redempção. Os echos foram resoar na cordilheira da Uruburetama e na serra da Aratanha e S. Francisco e Pacatuba offereceram mais dous pedaços do territorio livre a essa patria de escravos.

O governo do sr. Paranaguá bastante cobarde para no mesmo tempo affagar os abolicionistas de bom estomago e aos negreiros de má catadura, pretende agora impedir a marcha triumphal dessa legião, cuja aguia — a Liberdade — já alteou o vôo ao ponto de se perder na historia.

Ridiculo governo!

Tenta vencer o invencivel, algemar o inalgemavel. Os lacaios do paço querendo vencer a cidadella do civismo!

A resposta é dada com o desdem altivo do heroismo.

A cada tentativa de escravisar os livres, elles respondem com a libertação de dezenas de escravos.

Baturité, o grande municipio agricola, bate ás portas da Redempção. O Icó acompanha-o no caminho da Liberdade e talvez dentro de um anno toda a provincia esteja redimida.

Lance o governo mão de todos os meios, colloque diante dos comoros prateados toda a sua esquadra, todo o seu exercito.

Não conseguirá impedir a marcha libertadora dos irmãos gloriosos de Poty das selvas, do Felipe Camarão, da genese da nossa atual nacionalidade.

Lá não ha, nas fileiras libertadoras, Janos caricatos, hebreus cobardes que para salvar a vida se ajoelham diante dos idolos da terra do captiveiro. Ha homens vasados no molde de Daniel.

Se as forças do governo tomarem conta da planicie; como a plebe no monte Aventino, os legionarios da luz se retirarão para a serra da Redempção e só descirão de lá quando os clarins da tropa proclamarem, por temor d'elles, a igualdade de todos os cearenses.

NOTA:— O artigo acima faz allusão ao telegrama abaixo transcrito, sendo publicado nesse mesmo n.º. da GAZETA, e, em letras destacadas, logo na 1.ª. columna:

«Estamos cercados de um apparato bellico assombroso. Temos na provincia dois batalhões; no porto o transporte "Purús" e a corveta "Trajano".

Respondemos á provocação com 200 libertações no Icó, e com o decreto da redempção de Baturité para o dia 25 de Março.

O presidente Rayol começa a ter medo,

do LIBERTADOR.»

OBSERVAÇÃO INDISPENSÁVEL: — Todas as notas do ARQUIVO ALBERTO AMARAL, colhidas na Biblioteca Nacional, pelo mesmo, são transcritas, *exatamente*, conforme o original consultado.

(Rio-de-Janeiro, 20/7/942.)
